

# GRADUAÇÃO: RUMOS E PERSPECTIVAS\*

*Ildeu Moreira Coêlho<sup>1</sup>*

**Resumo:** O trabalho analisa o sentido, as funções e os desafios da graduação. Não se trata apenas de profissionalizar os alunos, mas de formá-los no exercício do pensamento, abrindo-lhes a possibilidade e a necessidade de caminharem no sentido da humanização do homem, das instituições e da sociedade.

**Palavras-chave:** graduação, formação, humanização do homem e da sociedade.

**Abstract:** The present paper analyzes the sense, the functions and the challenges of undergraduate programs. Their purpose is not only to teach students the professional skills but prepare them to think, opening up the possibility and necessity to explore the humanization of man, his institutions and society.

**Key words:** Undergraduate Education, citizenship.

Ao se falar em ensino de graduação, logo nos vem à mente a questão da preparação dos alunos para o mundo do trabalho, de sua inserção no mercado, ou seja, da formação profissional, em geral entendida de forma estreita e limitada, ou do profissional competente e crítico como dizem alguns. Sem negar a importância dessa dimensão é preciso reconhecer que, se no âmbito do ensino superior isolado, a ênfase na profissionalização (COÊLHO, 1994) como objetivo primordial e quase único da graduação já é um equí-

voco, no caso do ensino universitário ela é mais grave e preocupante, denotando injustificável reducionismo e inadmissível miopia. A insistência nessa simplificação empobrece a formação que se espera aconteça na universidade e à qual os alunos e a sociedade têm direito, comprometendo o futuro de ambos.

As rápidas e profundas transformações socioeconômicas e tecnológicas estão exigindo novos trabalhadores<sup>2</sup>, acarretando novas formas de organização do trabalho e outras mudanças imprevisíveis, acabando com campos tradicionais de atuação profissional e dando origem a áreas novas. Nenhuma profissão está imune a essas mudanças que afetam diretamente a existência das pessoas, grupos e instituições, podendo gerar em muito casos sua obsolescência.

Reduzir a universidade e a graduação a *locus* de produção tecnológica e profissionalização dos indivíduos, no sentido usual e utilitário do termo, é sem dúvida se deixar levar por uma compreensão pobre e estreita de sua função econômica, social, política e cultural, enfim, silenciar sua dimensão essencialmente humana. Especialmente num mercado de trabalho fluido e imprevisível e que às vezes assume formas

---

\* Conferência proferida no dia 13 de agosto de 1998, no Seminário de Estudos e Propostas para a Graduação, promovido pela Pró-Reitoria de Graduação da UNICAMP.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás

<sup>2</sup> Os empregadores exigem cada vez mais pessoas críticas, criativas, flexíveis, bem informadas, interessadas em seu crescimento pessoal e profissional, com uma boa compreensão da empresa e de todo o processo de trabalho, redação própria e fluência verbal em pelo menos duas línguas, bons conhecimentos em informática e capazes de, com inteligência e rapidez, resolver problemas e responder aos desafios que surgem a cada momento.

jamais imaginadas, seria ingênuo pensar uma vinculação linear e direta entre universidade, ensino de graduação e mercado.

Confundir formação profissional com preparação do estudante para o desempenho de determinadas atividades é empobrecê-la e as-

sumir o caminho que, a curto e sobretudo a médio e longo prazos, limita as possibilidades de colocação no mercado de trabalho, o que é perigoso e irresponsável para com as pessoas e a própria sociedade. Pelo contrário, a formação profissional deve ser aberta, inserida numa formação mais ampla, flexível, crítica,

rigorosa, solidamente fundada e voltada para o cultivo do raciocínio, da autonomia, da criatividade, da comunicação e da capacidade de identificar problemas e produzir alternativas para superá-los. Somente assim o estudante estará se preparando para enfrentar os desafios que a convivência social e o mundo do trabalho lhe apresentarão ao longo da vida.

Encaminhar o ensino de graduação apenas do ponto de vista do mercado é tratá-lo sob a ótica do lucro, do capital, negando a natureza mesma do processo educativo. É privilegiar o saber imediato, quase instantâneo, o aprendizado da execução, do saber-fazer, a urgência, a eficiência e a eficácia típicas do mercado como elementos norteadores de nosso trabalho, em detrimento do cultivo do raciocínio, da reflexão, da criação, ou seja, caminhar no sentido oposto ao da humanização do homem. É submeter-se à lógica empresarial que tudo homogeneiza, destruindo a possibilidade de constituição da identidade e autonomia da graduação, reduzindo professores e alunos a consumidores e negando a especificidade do acadêmico, do ensino e da pesquisa, sujeitos a temporalidades e lógicas próprias.

Mesmo se desejasse, a graduação não tem condições de entregar à sociedade um profissional acabado e de atender a todos os interesses individuais e coletivos. Sem se deixar reduzir a instituição concedente de diplomas que garantam privilégios no exercício profissional, o que seria destruí-la como academia, nem pretender dar a última palavra, a universidade deve oferecer aos alunos sobretudo uma formação básica<sup>3</sup>, crítica e rigorosa, tornando-os capazes de assumir, ao longo da vida, várias funções e atividades. A partir dessa etapa de um processo mais amplo de formação, eles poderão enfrentar o mundo do tra-

balho e a própria educação continuada, hoje muito discutida e valorizada, mas que de modo algum prescinde ou substitui uma sólida formação na área. A preparação específica para as várias tarefas ao longo da vida profissional será feita em grande parte pelas empresas.

Uma formação profissional lúcida, conseqüente e responsável pressupõe que se ensine os alunos a pensar, a compreender o mundo, o homem, a sociedade, os textos, as ciências, a tecnologia, a filosofia, as artes e a

---

**Reduzir a universidade e a graduação a *locus* de produção tecnológica e profissionalização dos indivíduos, no sentido usual e utilitário do termo, é sem dúvida se deixar levar por uma compreensão pobre e estreita de sua função econômica, social, política e cultural.**

---

equacionar de modo satisfatório os problemas individuais e coletivos. Formá-los para e pela busca sempre retomada da verdade, contribuindo para o avanço da teoria e da prática (profissional ou não), a criação de novas possibilidades de trabalho num mundo que passa por mudanças cada vez mais rápidas, profundas e imprevisíveis. Os alunos e a sociedade têm direito a uma graduação que lhes ofereça a possibilidade concreta e os instrumentos para a crítica rigorosa e radical do mundo físico e social, dos conceitos, teorias e métodos e, por conseguinte, lhes ensine a cultivar a inteligência, a busca, a dúvida, a imaginação, a capacidade de análise e de síntese, enfim, a superar as visões superficiais, ingênuas, simplistas e grosseiras, bem como as convicções e práticas que ameaçam secundarizar o exercício do pensamento e a ética.

A graduação deve trabalhar com os alunos uma compreensão do real enquanto totalidade aberta e em construção, reconhecendo e assumindo sua complexidade e historicidade, e cultivando uma relação rigorosa, crítica e amorosa com o saber. E então estará caminhando no sentido de que, ao exercer uma profissão, esta ou aquela perícia técnica, seus ex-alunos o façam, não enquanto meros técnicos ou especialistas, mas como homens, cidadãos, dando à profissão e à existência (individual e coletiva) uma dimensão social e política comprometida com a humanização

---

<sup>3</sup> A formação básica não se confunde com os estudos feitos no chamado ciclo básico, implantado nas universidades a partir da reforma universitária de 1968, mas é algo bem mais amplo, complexo e exigente em termos da universidade, dos currículos, do ensino, do trabalho de professores e alunos.

do homem, a ética, a criação, o belo, a liberdade de todos os homens e mulheres, independente de raça, nacionalidade, religião ou condição socioeconômica e cultural.

Como o homem, os animais também fazem. Mas, ao contrário da aranha e da abelha que desde o início produzem a teia e a colmeia do mesmo modo e com a mesma perfeição, sem que se possa falar em progresso e em aperfeiçoamento do seu fazer ao longo do tempo, o homem concebe previamente em sua mente o que se propõe produzir. Como diz Marx, “ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade.” (1983, p, 150). A partir de suas condições reais de existência e em sociedade, ele cria, inventa e realiza a possibilidade concreta de fazer e ser diferente, mais perfeito, de vir a ser outro, isto é, continuamente se faz.

Mais do que transmitir esta ou aquela informação, ensinar a fazer isto ou aquilo, desse ou daquele modo, a produzir atos e gestos eficazes, o que importa é sobretudo se os conceitos, as teorias e as explicações são ensinados como informações, verdades prontas a serem aprendidas pelos alunos, últimas descobertas científicas numa determinada área, ou como realidades em construção, cujo sentido, gênese, possibilidades e limites, pressupostos e implicações exigem ser interrogados, pensados, superados. Que sentido e importância teria o ensino de verdades acabadas, especialmente tendo em vista que hoje alguns conhecimentos são produzidos e superados num curto espaço de tempo?

O que importa fundamentalmente é ensinar a pensar, abrindo com e para os alunos a possibilidade e a necessidade de caminhar no sentido da humanização do homem, das instituições e da sociedade, da definição de objetivos, da construção de utopias e projetos, do assumir-se como “pro-jeto”. Assim, o ensino de graduação estará contribuindo para colocar o ser humano, e não a técnica, o mercado, o Estado, o partido ou outra instituição qualquer, no centro do processo social, da existência e do ensino.

A universidade deve constituir-se como escola de elaboração intelectual, de descoberta, de invenção, de pensamento, de encontro e confronto das diferentes visões de mundo, culturas, teorias e áreas do

saber; de busca sempre retomada da verdade, dos pressupostos e implicações das teorias e práticas, de crítica das ciências, da tecnologia, da filosofia, das artes e de toda a produção cultural. Trata-se, pois, de um espaço em que o homem é ao mesmo tempo o objeto e o sujeito do ensino e da pesquisa, em que a livre busca é uma exigência, uma paixão e um prazer e em que imperam as questões mais do que as respostas, a dúvida mais do que a certeza, a busca mais do que a conclusão. Sócrates é então a grande figura do professor, ao mesmo tempo mestre e cidadão.

Com efeito, o ensino de graduação precisa constituir-se como *locus* em que professores e alunos livremente se exercitem no pensamento e, portanto, possam vir a pensar de modo diferente e mesmo contra o convencional e o instituído, as verdades, métodos e padrões estabelecidos.

Pensar é ir à raiz, além do visível, do aparente, do empírico, do múltiplo, do contingente, do mutável, do particular, do individual. Seguindo a tradição que recebemos da Grécia Antiga, é fazer distinções, captar as diferenças, buscar e expressar o permanente, o não-visto, o não-dito, lembrar o esquecido. Sem se acomodar e sem aceitar o senso comum, o que a maioria está dizendo, os “prejuízos”, os “pre-conceitos”, as idéias preestabelecidas, é construir, produzir argumentos e explicações (racionais, lógicas, universais, solidamente fundadas) que dêem conta do invariável, do uno, da norma e da lei que regem o mundo, a existência humana, em suas múltiplas faces e aspectos, enfim, buscar o sentido e a gênese do real, assumir o risco da produção intelectual. O ensino de graduação, entretanto, muitas vezes não tem caminhado nesse sentido, nem se inserido nessa tradição.

Enquanto *locus* privilegiado da busca sempre retomada da verdade, da reflexão, da criação, a universidade não pode conviver com o patrulhamento ideológico, o não-pensamento, a não-produção, o prêmio ou castigo pela defesa de determinadas idéias. Diferencia-se das outras instituições sociais, públicas ou privadas, por seus fins e funções específicos, sua autonomia, seu compromisso fundamental com a verdade, a construção do novo, e também porque visa a compreensão radical e rigorosa do existente e não a “solução” imediata dos problemas da sociedade, para o que existem instituições específicas.

Espaço por excelência do saber, a universidade não pode confundi-lo com informação, treinamen-

---

**Pensar é ir à raiz, além do visível, do aparente, do empírico, do múltiplo, do contingente, do mutável, do particular, do individual.**

---

to, razão instrumental, saber fazer, utilitário e pragmático, ligado a aplicação imediata, comunicação e imposição de idéias e comportamentos. É fiel a sua idéia e projeto, não quando transmite o saber como se fosse algo pronto e acabado, mas quando desenvolve nos alunos a capacidade de duvidar, pensar, criar novas idéias e práticas nas várias áreas e regiões epistemológicas e em todas as dimensões da existência individual e coletiva. Enfim, quando ajuda os que nela se formam a pensar, questionar e superar a realidade existente, os saberes e as práticas, sem se deixarem levar pelas novidades da ciência e da tecnologia, nem se fechar nos limites estreitos do mercado, da competência técnica e da mera profissionalização. Abrindo-se às várias formas de expressão do real, dentro dos parâmetros da racionalidade, ela produz saber e preserva o patrimônio cultural dos povos, ampliando-o, aprofundando-o e enriquecendo-o de modo criativo, num permanente compromisso com a verdade, a liberdade, a igualdade, a justiça, a ética, a produção de direitos, a incorporação de todos os homens e mulheres ao universo da cultura.

Sem currículos e programas “enxutos” e centrados no essencial a ser ensinado e aprendido, no que é estrutural em cada disciplina e área do conhecimento, bem definidos quanto à identidade da área, da instituição e de seu projeto de formação, e ao mesmo tempo flexíveis, não há como se conseguir um avanço significativo. Ao contrário do que às vezes se imagina, a flexibilidade não atrapalha as transferências dos alunos de uma instituição para outra, desde que assumamos a idéia fundamental de equivalência de estudos. Mas tudo isso somente será possível se rompermos com o enciclopedismo, a ingenuidade de que os alunos deveriam sair da graduação sabendo quase tudo em sua área e com a pretensão de torná-los especialistas em uma determinada disciplina.

Nesse sentido, por que não se pensar e se implantar currículos centrados em disciplinas básicas e com apenas 20 horas-aula por semana, alguns com 1.800h, outros com 2.400h, 3.000h ou 3.600h, mais o estágio e as atividades de campo, deixando tempo livre para o aluno estudar, ampliar sua cultura, enfim, viver? Todos os cursos, mesmo os que formam para profissões que estão passando por rápidas e profundas transformações, podem tranquilamente encurtar sua duração. Eliminando as quinquilharias dependuradas nos currículos, a exagerada preocupação com o repasse de informações e aproveitando-se ao máximo o tempo da aula, veremos que uma boa redução das horas de cada disciplina e do próprio currículo não impedirá uma sólida formação dos estudantes, podendo mesmo ajudá-la. Além disso, certas disciplinas

aplicadas, apesar de às vezes serem muito valorizadas e objeto de marketing e preferência em algumas instituições, se referem a campos bem restritos da atividade humana, mudam com muita rapidez e, na melhor das hipóteses, apenas episodicamente estarão presentes na vida profissional dos indivíduos. Devem, pois, ser retiradas da parte obrigatória dos currículos, podendo ser ministradas como eletivas ou optativas.

Sem professores e alunos que assumam o estudo como projeto pessoal e o trabalho de ensinar e aprender com seriedade, disciplina, persistência e responsabilidade social, não há como se produzir o novo, se chegar ao prazer da descoberta e da compreensão, da “con-vivência” com o saber, na perspectiva da formação do homem, da solidariedade, da liberdade, da justiça e, portanto, de um novo profissional-cidadão. Numa palavra, não haverá mudança efetiva na graduação, mas quando muito fogos de festim, marketing, ilusão de que algo novo estaria acontecendo.

Não se trata, pois, de tornar mais prático o ensino, nem de ilusoriamente imaginar que se “aprende a aprender” aprendendo os conteúdos e as novidades numa determinada área. O caminho sem dúvida é outro e passa por professores e alunos assumirem a pedagogia da dúvida, do questionamento, da crítica, do rigor e da radicalidade no pensar e no expressar o pensamento, da busca do sentido e da gênese do real, das idéias e da prática, bem como do rompimento com as verdades, conceitos e métodos estabelecidos e com a pedagogia neoliberal que nos leva a pesquisar, pensar, ensinar e fazer o que o mercado valoriza e espera seja dito e feito. No lugar de uma pedagogia que confunde saber com erudição, ensino com repasse e assimilação de informações e conhecimentos e que simplifica e banaliza questões complexas; de uma pedagogia preocupada sobretudo em ordenar e sistematizar a experiência e socializar os conhecimentos e que não consegue romper com idéias e atitudes dogmáticas e exigências absurdas por parte dos professores, o que se espera e se exige no ensino de graduação é especialmente o cultivo da razão, da inquietação intelectual, do prazer da busca.

Embora não possa simplesmente virar as costas ao mercado, a formação universitária se constitui, não na esfera da necessidade, mas da liberdade, da teoria, da livre busca da verdade, do saber que não se deixa reduzir à utilidade, à aplicação prática, ao imediato, exigindo a abertura a outras dimensões da existência humana. Entre a universidade e a empresa, os cursos de uma e de outra, há diferenças fundamentais que não se reduzem à decantada, e nem sempre verdadeira, maior agilidade, eficiência e competência de uma em relação à outra.

Os cursos dados pelas empresas a seus trabalhadores, impropriamente chamados de cursos de treinamento, estão ligados diretamente à esfera da produção e respondem a necessidades imediatas de requalificação de quadros, superação da concorrência, aumento da produtividade, da eficiência e do lucro. A universidade, porém, cuja identidade e objetivos são diferentes, não pode se espelhar na empresa. Sua questão é outra e seus cursos não podem estar atrelados a fins meramente pragmáticos e utilitários, a realidades particulares e específicas de um determinado grupo social, nem ter como objetivo único ou principal o atendimento do mercado e de outros interesses e necessidades.

Equivocado seria tanto a universidade se deixar levar pelo mercado, pelo imediato, pelos ideais de produtividade e eficiência, quanto se enclausurar no universo da ciência e da tecnologia, se fechar ao mundo da produção. Embora seja esta uma questão complexa, escorregadia e à qual, ao mesmo tempo, a universidade não tem o direito de se furtar, o estabelecimento de relações com as empresas, sobretudo através da prestação de serviços e do desenvolvimento de programas conjuntos na área do ensino e da pesquisa, não implica necessariamente a perda da perspectiva acadêmica que lhe confere identidade e legitimidade.

Entretanto, formando-os apenas ou sobretudo do ponto de vista profissional<sup>4</sup>, técnico-científico, a graduação tem contribuído para que, na luta pela sobrevivência e conquista de espaços no jogo bruto da concorrência e numa sociedade marcada pelo individualismo, pragmatismo, supervalorização do econômico e do mercado, os alunos acabem muitas vezes se afastando da ética, da solidariedade e dos ideais de liberdade, justiça e cidadania ou subordinando tudo isso ao sucesso individual, medido em termos de lucro fácil e rápido e de acúmulo de bens materiais. Ora, compete ao ensino de graduação questionar e romper com todo e qualquer moralismo, com a “éti-

ca” da aparência, do momento, das circunstâncias, dos interesses, valores e conveniências de indivíduos, grupos e corporações.

Essa contrafação é inseparável dos desmandos, da prepotência, da dominação, da exclusão socioeconômica, política e cultural, além de escamotear e romper princípios fundamentais na existência individual e coletiva e no exercício profissional. A ética, pelo contrário - expressão da verdade, do bem, da liberdade, da autonomia, de valores e necessidades humanas universais, transcendentes e permanentes - é um chamamento à superação da prepotência, do legalismo, do moralismo, e à construção da utopia de uma sociedade completamente diferente.

A graduação deve formar, pois, não apenas sábios, pensadores, técnicos e especialistas, mas sobretudo pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade diferente da que hoje temos e, portanto, com a superação da barbárie, da desigualdade, da injustiça e de toda e qualquer manifestação de insensibilidade. É de se esperar que contribua para o avanço e o aprofundamento do processo civilizatório, levando os estudantes à auto-realização pelo cultivo da verdade, da liberdade, da autonomia, da igualdade, da justiça, do respeito e preservação da natureza, e pela afirmação de si na abertura ao ser, ao outro, ao diferente, à solidariedade, à fraternidade, à democracia, ao belo, às artes, à poesia, enfim, à civilização. E assim, terão condições de, na família, na cidade, na política, no trabalho ou em qualquer outro lugar ou posição em que estiverem, darem sua efetiva contribuição para a construção de um mundo mais humano.

O objetivo fundamental de nosso trabalho na graduação é, portanto, ajudar jovens e adultos a romper com as determinações exteriores, abrindo-se ao universo da cultura, da liberdade, da autonomia, formando em cada um o homem e a mulher que ainda não existem. Em outros termos, educá-los para a criatividade, sem reduzi-la à inovação tecnológica, para a solidariedade, a fraternidade, a construção da existência humana feliz, enfim, a plena realização de tudo o que indivíduos e grupos mais almejam, são ou podem vir a ser. Embora não exclusivamente, compete à universidade e ao ensino de graduação contribuir para a humanização do homem, da sociedade, das instituições, da existência individual e coletiva em todas as suas dimensões, no plano micro e macro.

---

**Equivocado seria tanto a universidade se deixar levar pelo mercado, pelo imediato, pelos ideais de produtividade e eficiência, quanto se enclausurar no universo da ciência e da tecnologia, se fechar ao mundo da produção.**

---

**4 O que é agravado pelo sentido limitado e estreito em que a profissionalização em geral tem sido entendida e encaminhada no ensino superior brasileiro.**

A graduação possui, pois, uma função humana e sociocultural mais ampla, fundamental e rica, do ponto de vista dos indivíduos (formar o homem em cada um de nós, contribuir para humanizá-lo), da sociedade (ajudar-nos a pensar, entender, transformar e humanizar a sociedade que temos, a criar utopias e realizá-las), da cultura (formar, não consumidores, mas sujeitos da cultura), do pensamento (ensinar-nos a dúvida, a crítica, a pensar com rigor e radicalidade), da democracia (ajudar a criar direitos e compromissos éticos), da liberdade (formar homens livres, cuja liberdade se faz participando da construção da liberdade dos outros), da humanização dos indivíduos, relações e instituições. Para que consigamos recuperar esse sentido da graduação, entretanto, é preciso romper com visões e práticas politicopedagógicas ingênuas, pobres, limitadas e excludentes.

Inserida na dinâmica da sociedade e da história, é preciso resgatar ainda o efetivo compromisso da graduação com o cultivo da vida intelectual e do pensamento; com a inclusão econômica, sociopolítica e cultural, a inserção de todos no processo civilizatório e sua introdução no universo das ciências, da tecnologia, da filosofia, das artes, das linguagens, do simbólico, da cultura não-utilitária (desinteressada), da cultura universal em suas várias dimensões; com a cidadania, a produção de direitos, a democracia, a igualdade, a liberdade, a humanização da existência social e do próprio homem; com a construção da ética, da felicidade, de novas relações interpessoais, institucionais e sociais, diferentes das que hoje temos.

Numa palavra, a construção de sujeitos culturais, o desenvolvimento de uma sólida cultura comum, produtora e expressão da identidade pessoal, da identidade dos grupos e nacional, a preservação, o respeito e a valorização da diversidade cultural, da liberdade, da ética, enfim, a criação do homem e sua humanização não são questões alheias à universidade e à graduação. Estas podem e devem, pois, formar para o cultivo da diferença entre os indivíduos, povos, culturas e instituições, em particular numa época de recrudescimento generalizado e brutal da intolerância contra o diferente que tende a desaguar na defesa de idéias, práticas e regimes autoritários. O fascismo, no passado e no presente, tem-se difundi-

do às custas da exploração do medo da diferença e da eliminação dos diferentes, tidos como intrusos, inferiores, indignos de viver.

Se o avanço tecnológico tornou possível a criação de artefatos inimagináveis e em muito breve poderemos clonar o homem enquanto ser biológico, jamais conseguiremos fazê-lo enquanto ser pessoal,

consciente, livre, autônomo, sujeito ético. Segundo Sartre (1969, 1970, 1980, 1990, 1992), o homem é um projeto, um ser no qual a existência precede a essência, enfim, uma tarefa, um desafio, uma realidade a ser inventada e realizada, não apenas imaginária e conceitualmente, mas concretamente na existência individual e coletiva.

Contra a exclusão social, apresentada como decorrência inevitável das transformações econômico-sociais, contra o pragmatismo, o individualismo e o egoísmo que sorratamente nos consomem, é preciso que a graduação contribua para recuperar o processo de humanização do homem.

Ela deve constituir-se também como *locus* onde as pessoas se sintam felizes, sintam a felicidade de existir, de aí estar na condição de docente, estudante ou profissional técnico-administrativo. A busca, a construção da felicidade é, aliás, o objetivo fundamental da existência humana. Quem não é feliz, não "está de bem" consigo mesmo, com a vida, o outro, a sociedade, o trabalho, a cidade e o bairro onde mora, dificilmente terá condições de contribuir para a transformação do real, para sua humanização.

Universidade e graduação existem porque o homem acredita na vida, na possibilidade de superação de si mesmo, da insensibilidade individualista que resiste em reconhecer os problemas do outro e da coletividade. Sua existência e sentido estão profundamente imbricados no desejo e na esperança de superação da realidade social e política, do não-saber, do analfabetismo, da violência do desemprego, da fome, da miséria, da doença, da violência na cidade e no campo, da dor, da rejeição e exclusão de indivíduos, grupos e povos, sob o pretexto de diferenças de raça, sangue, língua, religião, ideologia, partido político, condição socioeconômica ou cultural. Enfim, não se separam do desejo e da possibilidade concreta de instituição de uma sociedade justa, solidária e fraterna, da paz entre os indivíduos, povos e nações, bem como do reconhecimento da impor-

---

**Universidade e graduação existem porque o homem acredita na vida, na possibilidade de superação de si mesmo, da insensibilidade individualista que resiste em reconhecer os problemas do outro e da coletividade.**

---

tância da questão ecológica para o futuro da humanidade.

Universidade e graduação não estão, pois, desligadas dos processos sociais mais amplos de produção e reprodução da existência individual e coletiva, da utopia e do desejo da boa sociedade, da boa escola, da existência feliz. O que desejamos, podemos e devemos entregar às crianças e jovens de hoje, deixar para os que virão depois de nós? Um mundo arrasado pela guerra e pela destruição da natureza, uma sociedade dilacerada por intolerâncias de vários tipos e matizes, pela exclusão, pela fome, pela miséria, pela injustiça? Ou, ao contrário, um mundo e uma sociedade completamente diferentes do que hoje temos? Estamos satisfeitos e felizes com a sociedade, a universidade, o ensino de graduação que temos? Se não é esse o caso, em que sentido desejamos construí-los? E o que faremos para realizar esse nosso objetivo e desejo? Pensada e construída nesse sentido, a graduação não é um privilégio a ser concedido a alguns, mas um direito da sociedade, que se sobrepõe aos projetos e interesses privados dos alunos, pais, grupos e instituições: famílias, igrejas, Estado, partidos políticos, empresas, sindicatos.

O sentido da graduação não se situa, pois, no plano do legal, do burocrático e do cartorial. Não é apenas diplomar e profissionalizar os alunos, nem apenas inseri-los no mundo científico-tecnológico ou prepará-los para a vida moderna. Para mera formação profissional e transmissão de conhecimentos avançados na esfera das ciências e da tecnologia não precisaríamos da universidade e da graduação.

O trabalho destas é fazer com que a expressão do pensamento nas ciências e na filosofia e do belo nas artes, a relação com o outro, a existência social e o fazer dos homens se tornem cada vez mais refinados e assumam formas superiores, rigorosas, precisas, racionais, belas e justas. Trata-se, pois, de uma ação civilizadora de abertura às várias dimensões da existência humana, da produção e expressão cultural, bem como à esfera do simbólico, das ciências, da tecnologia, da filosofia, das letras, das artes, da liberdade, da democracia, o que somente se consegue com o trabalho árduo e prazeroso, disciplinado e metódico do espírito, aliado ao compromisso ético e ao trabalho de construção de uma nova sociedade.

Sem dúvida a atual divisão e burocratização do trabalho intelectual, além de separar o conteúdo e a forma, nos fez repetidores de conteúdos vazios e informes, insensíveis ao verdadeiro e ao belo, incultos, preocupados mais com a utilidade, a eficiência e a eficácia do que fazemos, a quantidade das aulas, orientandos de pós-graduação, pesquisas e publica-

ções ou uma equivocada defesa do saber popular e da cultura nacional. Ora, a escola em geral, e em particular a graduação, não pode conviver pacificamente com as formas grosseiras e bárbaras de expressão do real.

O critério para se definir em que consiste essa inserção avançada, crítica e rigorosa dos alunos no mundo da cultura, do pensamento, da filosofia, das ciências, da tecnologia, das letras e das artes, bem como no cultivo de valores, atitudes, práticas, compromissos, ideais, utopias, sonhos, "pro-jetos", ou seja, o critério para se definir o que deve ser ensinado e a natureza da formação básica não pode, pois, ser o mercado, mas a criação de direitos e de compromissos éticos.

E por quê? Justamente porque o mercado, além de conferir à graduação uma função essencialmente propedêutica, de preparação para a vida moderna e o mundo do trabalho, é produtor de privilégios, carências e exclusão<sup>5</sup>, ao passo que o direito e a ética são inerentes à construção da igualdade e da democracia. Situando-se no plano do privado, o mercado é particular e específico, variando com o tempo, o lugar e os grupos. Além de variáveis, os interesses que o constituem são muitas vezes conflitantes. Do ponto de vista do mercado, por exemplo, boa parte do Terceiro Mundo não conta, não existe, e o desemprego gerado pela automação, globalização e política econômica não passa de números e estatísticas que aumentam ou diminuem e, se aumentam, ainda seriam menores do que o existente em outros países! O direito e a ética, pelo contrário, são gerais e universais e, embora históricos, não estão sujeitos às contingências do aqui e do agora. De seu ponto de vista, o avanço das ciências e da tecnologia e suas implicações no plano da produção e circulação dos bens só têm sentido à medida que contribuem, não apenas para a satisfação das necessidades humanas imediatas, mas para a criação de direitos e de compromissos éticos.

Em vez de se fechar sobre si mesma, a universidade deve constituir-se como espaço da ética, da criação de direitos, da produção e atualização cultural, não apenas para professores, alunos e servidores técnico-administrativos, mas também para trabalha-

---

**5 Apesar de produzi-la, o mercado não se reconhece como produtor da exclusão econômica, sócio-política e cultural. Seus ideólogos simplesmente desconhecem, negam a existência dos excluídos. Para o neoliberalismo, por exemplo, não sendo e não apresentando condições mínimas para se tornar um mercado expressivo a curto e médio prazo, vários países simplesmente não existem, não interessam ao mercado, ao capital.**

dores e empresários em geral, alunos de qualquer escola ou etapa do processo de escolarização, pais e mães de família, enfim, cidadãos, homens e mulheres da cidade e do campo. Desse modo estará abrindo a todos a riqueza que encerra em suas bibliotecas, museus, laboratórios, teatros, seminários, conferências, aulas e outras atividades culturais. Por que, por exemplo, não incentivar pessoas que já concluíram o ensino médio ou mesmo um curso superior a ampliar e aprofundar sua formação, cursando uma ou mais disciplinas de graduação, na condição de "aluno especial" ou algo semelhante? A presença desses segmentos sociais nessas e em outras atividades e espaços acadêmicos poderá aos poucos ser incorporada à vida das pessoas e da própria instituição, criando-se assim um hábito, uma "con-vivência" saudável e educativa para as partes envolvidas.

Embora não seja o espaço fundamental da formação e do exercício da cidadania, a graduação não pode descurar essa dimensão de sua existência e trabalho. Ao definir e realizar a formação dos alunos, como toda e qualquer ação educativa, deve fazê-lo na perspectiva da ética, da construção de uma nova sociedade, da produção do outro como sujeito de direitos. E como a ética e a cidadania supõem relações de igualdade e de solidariedade, não será às custas da cidadania do outro, mas contribuindo para construí-la, que nos tornaremos cidadãos. Elas surgem, pois, como desafio a nossa capacidade de pensar e produzir o real como novo e a existência individual e social como outra, diferente do que até hoje temos, desafio que se coloca a todos nós, cidadãos e profissionais do presente e do futuro.

À universidade cabe contribuir para que os jovens possam participar da luta política com lucidez, enfrentando

o jogo do poder no exercício mesmo da cidadania, da vida pessoal e profissional, à luz da ética e tendo em vista a superação do instituído. Talvez a universidade até não tenha uma utilidade imediata, mas sua existência é um contínuo chamamento à razão, ao pensamento, à humanização do homem, à produção de novas formas de vida pessoal e social e de exercício profissional fundadas na liberdade, na ética, na igualdade, na solidariedade, na fraternidade, na justiça, na produção de direitos, na democracia. Apesar de todas as críticas e de vozes esporádicas que pregam sua superação ou destruição, a universidade con-

tinua a ser mantida e defendida em todas as sociedades como espaço privilegiado de busca da verdade e da construção da racionalidade, além de qualquer objetivo pragmático. Tal fato não deixa de ser também o reconhecimento claro de algo freqüentemente esquecido na vida pessoal, social e mesmo na educação: enquanto a força, a intimidação e a prepotência podem colocar idéias e práticas na clandestinidade e reduzi-las ao silêncio, dando-nos a impressão de que desapareceram, sem contudo conseguir realmente destruí-las e superá-las, a palavra e os argumentos são importantes para sua crítica e superação.

Hoje o irracional parece ameaçar a razão, a filosofia e as ciências nem sempre são referenciais para a existência (individual e coletiva) e as idéias, as artes, a moda, o lazer, a alimentação e a moradia são vistos às vezes como meros instrumentos de poder, de prazer e expressão de nosso *status* e necessidade compulsiva de consumir. O individualismo, o isolamento e o culto do privado ameaçam sobrepor-se aos ideais coletivos, ao sentido de classe e aos projetos nacionais. Grupos, culturas e nações se tornam descartáveis ao sabor do mercado que tudo explicaria, justificaria e legitimaria.

A subjetividade parece desbancar a objetividade e o real às vezes se mostra descontínuo, contingente e sem sentido, como se a razão fosse incapaz

---

**O individualismo, o isolamento e o culto do privado ameaçam sobrepor-se aos ideais coletivos, ao sentido de classe e aos projetos nacionais. Grupos, culturas e nações se tornam descartáveis ao sabor do mercado que tudo explicaria, justificaria e legitimaria.**

---

de apreender o sentido imanente da história, de ir além das diferenças e da alteridade, construindo uma continuidade (na descontinuidade) temporal, a universalidade do real, sem cair nas armadilhas do sectarismo, do totalitarismo, do relativismo e do ceticismo. Ameaçado em sua identidade e sem valores transcendentais como referências para a existência, o homem sente-se só e inseguro em relação ao futuro que ameaça engolir suas esperanças, sonhos e utopias, deixando-se levar freqüentemente pelas drogas ou se agarrando a irracionaisismos de todo o tipo e aos novos lançamentos da indústria farmacêutica que afastariam a doença, a obesidade, o stress e a velhice, garantindo o emagrecimento miraculoso, a saúde, a beleza, a eterna juventude, a plena e perene sexualidade.

Alguns chegam a afirmar que, além de desnecessário, o pensamento não é mais privilégio do homem, pois a possibilidade da existência de "objetos inteligentes" não seria hoje uma mera hipótese. A

história, as ideologias e as utopias teriam chegado a seu fim. O futuro não passaria de uma ilusão, pois somente o presente existiria, seria real. Sem dúvida, vivemos sob o império das mídias, do mercado, de fundamentalismos e intolerâncias de todos os matizes; num mundo em que a discussão, o questionamento, a lucidez, o imaginário, o sonho e a liberdade parecem não ter lugar nem sentido e em que se nota a tendência generalizada de tudo uniformizar e reduzir a um só padrão e modelo.

Por mais paradoxal que possa parecer, é justamente nesse mundo que se torna mais necessária e importante a instituição da universidade, da graduação e da aula como espaço privilegiado da razão, não de uma razão abstrata, linear, mecanicista, neutra, objetiva ou positivista, mas de uma razão ampliada que dê conta da complexidade e historicidade do real, do próprio sonho, do imaginário, do irracional, seja capaz de superar o falso dilema entre historicismo e objetivismo, subjetividade e objetividade e que a si mesma compreenda como histórica. Espaço da livre discussão, da contestação do instituído, do exercício do pensamento, da retomada rigorosa, radical e crítica dos conceitos, teorias, métodos e processos concretos de produção e superação do saber.

Para que a graduação possa caminhar no sentido que estou defendendo, evidentemente, é preciso se criar um novo currículo, um novo professor e um novo aluno, realmente comprometidos com a cultura, a liberdade, a democracia, a justiça, a solidariedade, e uma relação de professores e estudantes com o saber vivo. Ensinar não é apenas uma questão de domínio dos conteúdos, de qualificação técnico-científica. Superando o mero repasse de informações e conhecimentos, por mais atualizados que sejam, esse novo professor não será um socializador de saberes ou distribuidor de conhecimentos já produzidos, mas um apaixonado pela sala de aula, pela busca incessante da verdade junto com os alunos e não apenas na pesquisa. Enfim, alguém que sente prazer em ensinar-lhes o cultivo do saber, da dúvida, do pensamento, e que constrói sua aula como exercício vivo do pensamento, um convite sempre retomado a todos os alunos para que pensem com ele.

Esse professor dedica-se, pois, ao estudo e à investigação, questiona e interroga os conceitos, teorias e métodos fundamentais de sua área em relação a realidades mais globais e históricas, pergunta por seu sentido, retoma os momentos de sua constituição, define seus aspectos didáticos e apresenta tudo isso aos alunos como algo vivo, historicamente situado. Sabe motivar os alunos e envolvê-los no estudo das questões mais complexas e difíceis e, como um artis-

ta, não se acomoda, é inimigo da rotina, da repetição, do já-dito, do já-feito, das verdades e métodos consagrados.

Sem minimizar a importância da formação teórica, do rigor conceitual, da radicalidade no pensar, dos conceitos e métodos específicos em cada área, esse professor não confunde formação e competência profissional com mera perícia técnica, não se deixa absorver pelas questões prático-utilitárias e pelas preocupações com o mercado e o mundo do trabalho. E sobretudo, mesmo nas áreas mais técnicas, insere tudo isso numa dimensão mais ampla, rica, e politicamente responsável para com os alunos, a sociedade e o futuro. Em sua existência e no processo de formação dos alunos assume essas realidades como inseparáveis da construção do homem em cada um de nós, da criação de formas concretas de existência (individual e coletiva), fundadas na liberdade, na autonomia, na igualdade, na democracia (COELHO, 1996, p. 42-3), na justiça, na solidariedade, na fraternidade. E nesse trabalho, mais do que ciência e tecnologia, há uma arte, algo de pessoal, amoroso e artesanal ou, parafraseando Antônio Cícero de Souza, talvez haja "um segredo que a escola [a universidade, a graduação] não conhece." (1982, p. 169)

Se o que constitui o ensino de graduação é a irresistível atração pelo saber, a busca incessante da verdade, o estudo crítico e rigoroso dos textos e questões, impróprio seria chamar de graduação um curso no qual os alunos vão às aulas para não serem reprovados por falta e estudam apenas em épocas e quantidades estabelecidas, isto é, às vésperas de provas, para passarem nas disciplinas e poderem colar grau. Essa situação nada acadêmica é frequentemente agravada pelo excesso de horas e disciplinas no currículo, o que conduz a muitas provas e trabalhos por semana e até mais de um por dia.

A universidade reforça assim o hábito de só se estudar na semana ou às vésperas das provas e de só se envolver com os trabalhos da semana ou da quinzena. Como em cada semana há várias provas a serem feitas e trabalhos a serem entregues, não sobra tempo para o estudo sistemático de todas as disciplinas, cujo conteúdo vai-se acumulando e somente será "estudado" na semana ou às vésperas das respectivas provas. E no dia em que, tendo colado grau, não tiver mais provas a fazer nem trabalho a entregar o ex-aluno não precisará estudar. Estudar para que, se não tem provas pela frente? O estudo parece então coisa de quem tem obrigações e tarefas a realizar e não uma imperiosa necessidade de todos nós, um hábito saudável, um prazer. Os que assim agem não descobriram ainda a dimensão intelectual, criativa, livre e

prazerosa do estudo, do trabalho de ensinar e de aprender, conhecendo apenas a face da rotina, da repetição, da obrigação que, se não cumprida, impede a conclusão do curso, o recebimento do diploma. Não tendo se elevado ao plano da liberdade, vivem o reino da servidão.

É as universidades geralmente valorizam pouco o trabalho voltado para a formação e orientação dos alunos de graduação, a capacidade de ensinar com clareza e rigor questões fundamentais de uma determinada área. A pesquisa, as publicações e o trabalho na pós-graduação são atividades consideradas mais nobres e convalidadas pelos professores e por elas em geral são avaliados e valorizados.

Entretanto, embora a pesquisa seja fundamental para que o ensino não se fossilize, professores altamente especializados e eminentes pesquisadores às vezes confundem a mente dos alunos, trazendo para as aulas, diretamente e sem maiores cuidados, os frutos de sua investigação, as dúvidas e idéias ainda embrionárias com as quais se debatem. Do mesmo modo, transportar diretamente para a graduação, sobretudo para os primeiros anos, o que aprendemos nos cursos de pós-graduação, o resultado imediato de pesquisas, dissertações e teses nem sempre contribui para a aprendizagem dos alunos que em geral não têm condições de entender o que pretensiosamente queremos ensinar-lhes.

Partindo do pressuposto nem sempre tranqüilo de que os conhecimentos científicos hoje se tornam superados num tempo muito curto e de que nada haveria de estável nas ciências, alguns dizem que o importante é “aprender a aprender”, como se tal pudesse ocorrer no vazio. Ora, várias leis fundamentais e conhecimentos científicos na área da matemática e das ciências naturais e humanas têm resistido ao tempo, às revoluções científicas, sendo refinados e aprofundados e seu campo de validade e aplicação modificado ou restringido. Sem dominar métodos e conhecimentos básicos em cada área, consagrados há décadas ou séculos, os alunos de graduação dificilmente conseguirão entender as descobertas das ciências e as grandes questões metodológicas, epistemológicas, conceituais e éticas que hoje preocupam cientistas, cidadãos e governos. Daí a necessidade de centrarmos a formação no essencial, ajudando os estudantes a pensarem além das especialidades ou áreas, a distinguirem o essencial do acidental, o relevante do irrelevante.

A reflexão, o respeito e o compromisso com o presente e o futuro dos alunos, da universidade e da sociedade impõem a todos nós, professores e alunos, pensar, construir e realizar uma idéia de universidade e de graduação capaz de, sem perder os aspectos fundamentais presentes em sua trajetória desde as origens na Idade Média até hoje, abrir-se ao compromisso com a criação de uma sociedade, universidade e graduação verdadeiramente novas, aos novos desafios que a realidade atual apresenta em todas as áreas e dimensões: ciências, tecnologia, filosofia, artes, política, cultura, liberdade, igualdade, democracia, justiça.

Finalmente, o que proponho para a universidade e a graduação sem dúvida é uma utopia, um sonho. Mas, somente quem imagina e sonha com o que não existe e parece impossível não se acomoda nem se acovarda e será capaz de construir uma nova realidade, superar os limites, tornar possível o que antes parecia irrealizável, descobrir o que, do ponto de vista individual e coletivo, é realmente possível e, portanto, cabe a nós realizá-lo, torná-lo real, fazer existir. É sonhando e trabalhando para realizar os nossos sonhos que se constrói a humanidade, o homem que devemos ser. Alguns dirão: de que adianta sonhar se os sonhos não se realizam? Mas, o que interessa não é apenas a realização ou não de nossos sonhos, mas sua grandeza e força, a abertura ao novo e ao futuro que eles representam. Mesmo que nenhum sonho se realizasse, nem por isso poderíamos deixar de sonhar, pois o sonho nos faz grandes, abre a possibilidade de nos tornarmos homens, seres autônomos e livres.

Sonhar é, com os pés firmes no chão, olhar para frente, romper com o presente, o dado, o sistema, ou seja, com o que se apresenta fechado, acabado e completo e afirmar que o novo é possível. É antever o que deve ser criado em nosso trabalho para que o amanhã surja. O possível não é um dado, algo pronto, mas se dá no presente, é produzido a partir deste, isto é, do Brasil, da universidade e do ensino de graduação que temos. Daí a importância de se prefigurá-los na mente, no imaginário, no sonho, e de se inventá-los e realizá-los com o trabalho de professores, alunos, servidores técnico-administrativos e cidadãos. Concluo deixando a todos e a cada um o desafio de construirmos a universidade e a graduação de nossos sonhos, a universidade e a graduação que o Brasil e o mundo estão a exigir, a que a sociedade e os alunos têm direito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COÊLHO, Ildeu Moreira. Ensino de graduação e currículo: a lógica de organização do currículo. *Educação Brasileira*, Brasília, v. 16, n. 33, p. 43-75, jul./dez. 1994.
- \_\_\_\_\_. Formação do educador: dever do Estado, tarefa da universidade. In: BICUCO, Maria Aparecida Viggiani, SILVA JÚNIOR, Celestino (org.). *Formação do educador: dever do Estado, tarefa da universidade*, 1996, v. 1, p. 42-43.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, v. 1.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1969 [trad. brasileira: Vozes].
- \_\_\_\_\_. *L'existentialisme est un humanisme*. Paris: Nagel, 1970 [trad. portuguesa: Lisboa: Presença e São Paulo: Abril Cultural].
- \_\_\_\_\_. *O testamento de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Verdade e existência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- \_\_\_\_\_. SARTRE, Jean-Paul, LÉVY, Benny. *A esperança agora: entrevistas de 1980*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- SOUZA, Antônio Cícero de. Entrevista. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.